

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

**Stela Maris da Silva
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2021

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

**Stela Maris da Silva
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguística, letras e artes: limitações e limites

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Revisão: Os autores
Organizadora: Stela Maris da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755	Linguística, letras e artes: limitações e limites / Organizadora Stela Maris da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5983-350-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.504212907 1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Silva, Stela Maris da (Organizadora). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

“A ponte não é de concreto, não é de ferro

Não é de cimento

A ponte é até onde vai o meu pensamento

A ponte não é para ir nem pra(*sic*) voltar

A ponte é somente pra atravessar

Caminhar sobre as águas desse momento”

(Lenine – A Ponte – CD *O dia em que faremos contato*, 1997)

Este livro está organizado em torno do título “*Linguística, Letras e Artes: Limitações e Limites*”. Limitações e limites possíveis de serem ultrapassados pois, objetiva apontar pistas, dar fios, ou ainda estabelecer pontes para desatualizar o presente, fazer a crítica deste, e ao mesmo tempo atualiza-lo. Os textos apresentam teorias e práticas resultantes do trabalho de elaboração de pesquisadores que fazem de seus escritos, condições de possibilidade de testemunhar um certo presente. A atualização norteia a ideia central das pesquisas, pois são contribuições de múltiplos olhares para as artes, filosofia, as letras e literatura, e para determinadas práticas educativas. São textos com abordagens, olhares distintos, passando pela contemporaneidade da arte de Lygia Clark, com ênfase racionalista e o ultrapassar do limite do campo de trabalho ao da prática terapêutica, à concepção de arte em Platão com uma discussão sobre a concepção de arte, as relações da arte com a ética, a partir da análise de diálogos platônicos. Outros dois trabalhos, abordando aspectos históricos, tratam das residências artísticas desde a antiguidade grega até a modernidade, e sobre a análise musical tipificada, interpretativa e comparativa das *Brasilianas IV e V para piano* do compositor brasileiro Radamés Gnattali. Permeando as reflexões entre arte e filosofia o seguinte artigo apresenta relações da *parresía* cínica grega e a arte de Manet. Ultrapassando os limites com diferentes abordagens nas letras, o tema dicotômico identidade/alteridade presente no conto *Espelho meu*, é apresentado, bem como a reflexão sobre as concepções de algumas obras de gramática normativa, a descritiva e internalizada. Nessa linha de análise, outro estudo mostra o conceito de gramática na obra *Gramática da língua portuguesa* (1540) de João de Barros para investigar o vínculo do pensamento linguístico do autor. Com o objetivo de mapear a criação da teoria semiótica em suas variadas vertentes, o texto seguinte apresenta rastreamento dos teóricos que contribuíram na construção dessa teoria. As práticas e seus limites a serem ultrapassados, são apresentados nos trabalhos de pesquisa com estudantes. Através da prática produção textual, uma das pesquisas analisa a relação de alunos do ensino médio técnico com a escrita. Outro estudo objetiva a análise do conto argentino *El Chico Sucio* (2017) para o estudo das características dos gêneros novela negra e novela policial. Na sequência há um

projeto de leitura com alunos 9º ano do E.F. II, que analisa contos de mistério, explorando o exercício de levantar hipóteses. Considerando que a ultrapassagem de limites também se faz com a formação de professores, e com bons materiais didáticos, os dois últimos artigos tratam disso. Um busca responder à questão de como estão as práticas em relação ao ensino aprendizagem de leitura, na perspectiva discursiva em um curso de Letras; e o outro tem o objetivo de comparar a temática sobre “equação do 1º grau” apresentada em capítulos de livros didáticos do nível fundamental, com enfoque nas práticas sociais contribuindo para a evolução do ensino de matemática.

Boa leitura e atualizações!

Stela Maris da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ARTE DE LYGIA CLARK

Wellington Cesário

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129071>

CAPÍTULO 2..... 10

A IDEIA DE ARTE EM PLATÃO

Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129072>

CAPÍTULO 3..... 29

DELINEAMENTO PARA POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE O DESLOCAMENTO NA GRÉCIA ANTIGA E NAS RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

Carollina Rodrigues Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129073>

CAPÍTULO 4..... 45

BRASILIANAS IV E V PARA PIANO DE RADAMÉS GNATTALI: UMA ANÁLISE MUSICAL TIPIFICADA, INTERPRETATIVA E COMPARATIVA

Felipe Aparecido de Mello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129074>

CAPÍTULO 5..... 59

UMA POSSIBILIDADE DE RELAÇÃO ENTRE ÉTICA-ESTÉTICA: *PARRESÍA* CÍNICA, ARTE, UM “OUTRO OLHAR”

Stela Maris da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129075>

CAPÍTULO 6..... 73

IDENTIDADE E ALTERIDADE EM *ESPELHO MEU*

Wilson Ferreira Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129076>

CAPÍTULO 7..... 85

REFLEXÕES SOBRE AS GRAMÁTICAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: NORMATIVA, DESCRITIVA E INTERNALIZADA

Jéssica Duarte de Souza

Camila de Araújo Beraldo Ludovice

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129077>

CAPÍTULO 8..... 98

O CONCEITO DE GRAMÁTICA NA OBRA DE JOÃO DE BARROS (1540) À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129078>

CAPÍTULO 9	107
RASTREANDO AS TEORIAS SEMIÓTICAS: UM PROJETO DE ESTRATÉGIAS TÉCNICO-PEDAGÓGICAS	
Darcilia Simões	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129079	
CAPÍTULO 10	132
A PRODUÇÃO TEXTUAL: EXPERIÊNCIAS DE CORREÇÃO E REVISÃO ORIENTADAS	
Neide Biodere	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290710	
CAPÍTULO 11	145
VIOLÊNCIA E HUMANIZAÇÃO EM <i>EL CHICO SUCIO</i> : UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO	
Murilo Roberto Sansana	
Rosangela Schardong	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290711	
CAPÍTULO 12	156
ELEMENTAR, MEU CARO LEITOR! UM TRABALHO COM LEITURA LITERÁRIA PARA DESENVOLVER HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA	
Patrícia Peres Ferreira Nicolini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290712	
CAPÍTULO 13	170
A ABORDAGEM DA LEITURA NA REGÊNCIA DOS ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE LETRAS: DIAGNÓSTICO E ANÁLISE	
Janete Abreu Holanda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290713	
CAPÍTULO 14	184
AS CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO E DA SOCIOSEMIÓTICA PARA O LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA: COMPARANDO EQUAÇÃO DO 1º GRAU EM TRÊS LIVROS DE MATEMÁTICA	
Carlos Wiennery da Rocha Moraes	
Marli Ramalho dos Santos Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290714	
SOBRE A ORGANIZADORA	211
ÍNDICE REMISSIVO	212

Data de aceite: 21/07/2021

Data de submissão: 15/05/2021

Wilson Ferreira Barbosa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre - RS
<http://lattes.cnpq.br/6741294373802817>

RESUMO: O tema dicotômico identidade/alteridade presente no conto *Espelho meu* é o ponto de partida para reafirmar a importância da literatura de autoria feminina paraense. *Espelho meu* narra a história da personagem-protagonista, uma menina que dialeticamente está na busca de sua identidade, que quer descobrir-se, está na busca de Si Mesmo. É alguém que procura a autoafirmação em confronto com o Outro. Uma personagem identificada como o ser humano que procura a autorrealização, que está na construção do Si: é a busca de seu posicionamento numa sociedade machista e sexista, uma vez que esse posicionamento é resultado de sua condição de gênero. Nesse contexto, a menina protagonista, ao olhar-se no espelho e descobrir que cresceu, que se tornou ou está se tornando uma mulher, percebe-se que há a representação de sua autonomia e por isso acentua a individualidade feminina, que amplia o indivíduo que busca sua emancipação social, política e sexual.

PALAVRAS - CHAVE: Literatura feminina. Alteridade. Identidade. Maria Lúcia Medeiros.

IDENTITY AND OTHERNESS IN THE *ESPELHO MEU*

ABSTRACT: The dichotomous theme of identity/otherness, present in the short-story *Espelho meu* (Mirror of Mine), is the starting point to reaffirm the importance of literature by women authors from Pará. *Espelho meu* (Mirror of Mine) tells the story of the protagonist-character, a girl who is dialectically in search of her identity, who wants to discover herself, is in search of herself. She is someone who seeks self-affirmation in confrontation with the Other. A character identified as the human being who seeks self-realization, who is in the construction of the Self: it is the search for her positioning in a sexist and macho society, since this positioning is the result of her fender condition. In this context, the girl protagonist, when looking in the mirror and discovering that she has grown up, that she has become or is becoming a woman, one realizes that there is a representation of her autonomy and therefore accentuates the feminine individuality, which expands the individual who seeks her social, political and sexual emancipation.

KEYWORDS: Literature by women. Otherness. Identity. Maria Lúcia Medeiros.

QUEM É MARIA LÚCIA MEDEIROS?

Maria Lúcia Fernandes de Medeiros, assim está em seu registro de nascimento, é uma contista que nasceu em Bragança (Nordeste do Pará), em 15 de fevereiro de 1942, onde morou até os 12 anos de idade. Após esse

período, mudou-se para a capital, Belém, com a família. Em 1967 iniciou sua carreira como estudante da graduação em Letras, na Universidade Federal do Pará (UFPA), concluindo seus estudos em 1970. Em 1978 especializou-se em Teoria Literária e naquela mesma instituição tornou-se pesquisadora e professora de Literatura Infantojuvenil. Foi formadora de professores da rede pública, através do projeto promovido pelo Ministério da Educação e Fundação de Assistência ao Estudante, em 1985. Ela também foi uma das fundadoras da Casa da Linguagem/Fundação Curro Velho¹, em 1991, sendo uma de suas consultoras até a sua morte. Teve vários contos seus indicados como leituras obrigatórias para os vestibulares da Universidade Federal do Pará. Faleceu em 2005, em Belém.

A estreia de Maria Lúcia Medeiros como escritora foi com o conto *Corpo inteiro* que foi publicado na antologia organizada por Fanny Bramovich, intitulada *Ritos de passagem de nossa infância e adolescência*, em 1984, na cidade de São Paulo, pela editora Summus. A seguir, sua herança literária por ordem de publicação: seu primeiro livro foi editado e lançado em 1988, pela editora Roswitha Kempf, intitulado *Zeus: ou, a menina e os óculos* e a segunda edição foi lançada em 1994, por Maria Lúcia Medeiros editora; o segundo livro *Velas, por quem?* foi lançado pela editora Cejup, em 1990 e republicado pelo jornal *A Província do Pará*, incluído na “Coleção Nossos Livros”, em 1997; a obra *Quarto de hora* foi também editada pela Cejup, em 1994; *Horizonte silencioso*, quarto livro de contos, foi lançado no mercado, na cidade de São Paulo, pela Boitempo Editorial, em 2000; no ano de 2003, a editora Amazônia, lançou *Antologia de Contos*, seu quinto livro; e em 2005, meses após a morte da escritora, a Secretaria de Cultura do Estado do Pará, publicou *Céu Caótico*, seu sexto e último livro.

Após essa sumária apresentação biobibliográfica da contista paraense, meu objetivo, ao se fazer o estudo do conto *Espelho meu*, será o de investigar, recuperar e manter o patrimônio da cultura e da literatura produzidas no polo amazônica, no Norte do Brasil, no Pará; porém, não do ponto de vista como literatura regionalista, e sim demonstrar que Maria Lúcia Medeiros é uma das vozes representativas da Literatura Paraense. Também parto da reflexão de que as ações vividas pela personagem-protagonista configuram temas de ordem universal. Isto posto, demonstrarei que tanto linguagem como a paisagem não são restritas aos limítrofes paraenses; dito de outra forma, não são comportamentos, experiências e ambientes vivenciados exclusivamente pelo homem da Amazônia, mas refletem o posicionamento e o círculo ambiental de qualquer ser humano.

Diante dessa proposta, minha intenção maior é acentuar ainda mais a escrita feminina paraense diante do atual cenário brasileiro, em que a literatura produzida por mulheres está cada vez mais ganhando seu espaço, alçando voos ainda mais elevados, saindo inclusive, de seus espaços geográficos. Seus contos escritos no final do século XX fazem com que Maria Lúcia Medeiros seja reconhecida no cenário literário e cultural no estado do Pará e fora dele, através de diversos trabalhos produzidos por pesquisadoras e pesquisadores de

¹ <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/casa-da-linguagem>, Acesso em 28 jan. 2021.

diversas universidades do país, contribuindo, assim, para o enriquecimento da literatura brasileira produzida na Amazônia.

O PERCURSO DA ESCRITA FEMININA

A possibilidade de interferir na realidade que nos é legada, interpretando-a e reescrevendo-a à luz de novos conhecimentos, é uma forma de fraturar e desestabilizar a lógica da coerência, da totalização e da verdade instaurada pela racionalidade hegemônica (patriarcal) para devolver nossa identidade cultural a diferença, a descontinuidade e a heterogeneidade que a constituem. Sem esses elementos, a memória literária autorizada, ou seja, o legado canônico é mais uma narrativa que não diz nada sobre o que foram e são as mulheres na comunidade imaginada da nação (SCHMIDT, 2017, p. 143).

Partindo da reflexão da pesquisadora Rita Terezinha Schmidt é papel do crítico literário dar novo sentido às obras que foram esquecidas apenas por terem sido escritas por mulheres. Mulheres escritoras que certamente proporcionam um novo olhar sobre o mundo e rompem com um legado pré-estabelecido para criar sua própria identidade. E o pesquisador tentará trazer à tona, por meio de seus estudos e análises, as obras que podem pôr em evidência uma parte da memória que ficou esquecida trazendo um novo olhar a respeito da literatura considerada canônica. Como também fará um trabalho de divulgação dos novos trabalhos que surgem e que não têm uma visibilidade maior.

Para este trabalho serão utilizados os estudos de Thomas Bonnici, com a obra *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências* (2007). Essa é uma obra lexicográfica, elaborada em formato de dicionário e contém vários verbetes sobre a história do movimento feminista, bem como definições referentes à literatura, à ficção, e vários esclarecimentos que abrangem os estudos de conteúdo de gênero, em concordância com a psicanálise, a sociologia e a política envolvendo também a sexualidade. Sobre a literatura de autoria feminina, que no decurso de vários anos foi deixada num cenário de obscurantismo, Bonnici (2007, p. 77, grifo do autor) tem-nos a dizer o seguinte:

O patriarcalismo, a cultura machista, o analfabetismo e a exclusão da mulher de qualquer grau de poder no Brasil Colônia, como também extensos e profundos resquícios coloniais após a Independência, fizeram com que as obras de **autoria feminina** fossem relegadas completamente ao esquecimento e violentamente criticadas por adeptos da manutenção da hierarquização e do aniquilamento literários.

Durante muito tempo a escrita literária de autoria feminina foi sempre desprezada, deixada no esquecimento. Esse isolamento literário foi imposto por uma sociedade sexista, patriarcal e misógina; a mulher sempre esteve sob o julgo do machismo, sempre foi posta em segundo plano, para não falar na sua condição de quase inexistência. O ato de escrever era, então, elitizado, sob o prisma, obviamente, de que quem escrevia era o considerado letrado e do sexo masculino.

Assim, embora houvesse mulheres escritoras, elas não eram referendadas por causa dos preconceitos que sofriam, como por exemplo, o preconceito de gênero e de raça, e sua produção literária era considerada frágil e sentimental; sua presença fazia parte de uma narrativa cuja voz era julgada como algo dissonante, em detrimento de obras escritas por homens.

Ainda de acordo com Thomas Bonnici (2007, p. 235): “De Beauvoir (1980) analisa certos fatores (biológicos, socioeconômicos, psicológicos) que foram usados para que o homem se tornasse o Ser e a mulher o **Outro**”. Ao citar as palavras daquela que é considerada como uma das maiores figuras representativas do movimento feminista – Simone de Beauvoir (1908 – 1986) – pode-se dizer que a mulher estava entregue ao papel de dominada e subordinada. Ao escrever o “Outro” com letra maiúscula, Simone de Beauvoir descreve a mulher como qualquer ser desprovido de individualidade, o objeto manipulado que não exerce o papel de sujeito “que é marginal, hostilizado, oprimido e não tem voz” (CALADO, 2012, p. 129). Em outras palavras, a mulher era banida do mundo masculino e sua presença era invisível e descartada.

A Literatura era produzida para um público que era imaginado como se fosse constituído unicamente por leitores homens; assim como várias áreas do conhecimento foram sempre tomadas pelo ponto de vista do homem. Em suma, a mulher era suprimida e esmagada pela sociedade que insistia em mantê-la numa cadeia ideológica de concepções servilistas, desequilibradas e injustas. Com esse modo de pensar, com o desenvolvimento literário e o frutífero mundo cultural, foram criados estereótipos para as mulheres, as vezes delas foram excluídas, silenciadas numa realidade machista e desigual. Essas ideias foram difundidas pelas noções binárias de masculino/feminino, para empregar as palavras de Judith Butler (2017, p. 21). Nesse conjunto, os conceitos de vazio, de emoção, de objeto, seriam da esfera feminina, bem como tudo o que envolvesse intuição e sensibilidade; enquanto que à esfera masculina caberiam os conceitos de substância, razão, sujeito, e as manifestações de ordens intelectuais e culturais (SCHMIDT, 2017, p. 44). Dessa forma, as mulheres foram postas numa redoma feita pelo sentimento “de misoginia literária”. Criou-se a separação entre duas realidades distintas, um dualismo entre o mundo masculino e o mundo feminino, e então as mulheres foram confinadas a um ambiente de enclausuramento cultural e literário e emudeceram diante do mundo masculino autoritário e despótico.

Entretanto, as mulheres não se deixaram abater! Bonnici relata o surgimento da “Segunda Onda Feminista”, em 1949, com a publicação do livro da escritora Simone de Beauvoir, intitulado *O segundo sexo*. Esse livro, de linguagem clara e direta que afrontava a sociedade conservadora e hipócrita do século XX, trata do condicionamento das mulheres perante a sociedade, do ponto de vista da filosofia existencialista; e que, portanto, segundo a autora, não se nasce mulher “torna-se mulher”. E mais ainda, em 1960 houve o “Movimento pela Libertação da Mulher” em que várias mulheres escreveram sobre suas posições teóricas a respeito da Literatura, assim como escreveram críticas feministas:

Ela é o **Outro** que ameaça subverter a ordem racional do discurso. Kristeva afirma que essa revolução poética, intimamente ligada à revolução política e à libertação feminina, corresponde ao discurso subversivo e anárquico adotado pelo feminismo para derrubar o falocentrismo (BONNICI, 2007, p. 236, grifo do próprio autor).

A mulher, a partir desse momento, assume um papel que vem transformar a sociedade através da Literatura. Todos esses movimentos deram um impulso considerável à escrita de autoria feminina. Os nomes de várias escritoras, principalmente aquelas do período colonial e pós-independência, dos diversos campos de atuação, e suas obras que foram relegadas ao esquecimento, tiveram de ser retiradas do anonimato, e lançadas ao público e ainda hoje continuam sendo republicadas. São vozes que não se calam e que muitas delas se apresentam como discursos díssonos, pois fogem ao padrão canônico, a exemplo das escritoras do início do século XIX, cujas obras brasileiras eram desprovidas de sentimentalismo, assim como não havia uma visão exclusivamente romântica e europeizada, como é o caso da maranhense Maria Firmina dos Reis, com seu romance *Úrsula* (1859), que narra a história do povo escravizado pelo olhar, também, de uma escrava. Esse tipo de narrativa é um molde que destoava de obras do mesmo período (o período literário romântico) que retratavam o Brasil seguindo os modelos europeus e com um olhar fantasioso a respeito da formação do povo, da cultura e dos comportamentos brasileiros.

Na esteira do caminho percorrido pela escrita feminina temos que ressaltar o início das pesquisas de cunho crítico sobre a literatura feminista no Brasil. De acordo com Rita Terezinha Schmidt (2017, p. 21 – 25), essas pesquisas tiveram início no ano de 1987, em meio a uma série de embates. No primeiro congresso realizado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), em maio daquele ano, ocorrido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Grupo de Trabalho que teve por nome “A mulher na literatura” apresentou os resultados obtidos nas experiências acadêmicas e discutiu-se os caminhos que deveriam ser traçados para o início das pesquisas sobre a escrita feminina. Em 1990, obtivemos o que Schmidt nomeou de “virada historiográfica”, momento em que houve “um comprometimento apaixonado com a recuperação da presença literária da mulher no Brasil pós-independência”. E assim surgiram os estudos que trouxeram à tona a literatura de escrita feminina no Brasil até então deixada para trás por conta de uma visão androcêntrica e também por uma gama de fatores, como o preconceito estético e mesmo o repúdio à literatura feminina.

Após esse passeio pelas veredas que deram início aos estudos feministas e, conseqüentemente, aos estudos da literatura de escrita feminina, o próximo passo é a análise do conto de uma escritora que deixou sua impressão na literatura paraense.

A DESCOBERTA DE SI MESMO

Maria Lúcia Medeiros também é uma escritora que deve ter sua voz ampliada. Ela é uma representante da literatura brasileira, da literatura de expressão amazônica, com uma linguagem potencialmente semiótica em que as palavras de seus contos muitas vezes soam como poesia, o que na Literatura é comumente chamado de prosa-poética; para exemplificar temos o seguinte fragmento: “Um dia porém... não foi só um dia. Foi um belo dia, desses em que tudo dá certo, sai certo, céu aberto, passarinhos cantadores, jambeiros em flor” (MEDEIROS, 1994, p. 68). A linguagem escolhida pela escritora demonstra, por sua expressão, a luta interior de sua personagem, é um momento de descoberta de si mesmo, de desabrochar para a vida adulta. Foi um dia que ficou marcado na vida da personagem-protagonista.

Nesse sentido, a menina protagonista de *Espelho meu*, ao olhar para dentro de si mesma, através do espelho, e descobrir que cresceu, que está se tornando uma mulher, pode-se dizer que ela representa a autonomia feminina, ela adquire a própria independência. Esse é “o discurso feminista” que, segundo Judith Butler (2017, p. 18), demonstra que “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”, é o início da mudança, o começo de um novo percurso que refletirá a essência do ser humano que se reflete na protagonista. No discurso da protagonista há a representação da individualidade feminina/feminista, que amplia, expande o sujeito enquanto indivíduo que busca sua emancipação social, política e sexual. É a autoconscientização de seu papel enquanto ser transformador da realidade, é o início de uma maneira nova de ver e reagir ao mundo. Todo esse processo de transformação “é derivado da conscientização de gênero” (HOLANDA, 1994, p. 230 – 231), pois a mulher assume seu papel enquanto ser transformador e se conscientiza de que pode mudar a sua própria realidade.

Espelho meu é uma narrativa em que a personagem-protagonista, uma menina, que num dia de domingo, dia de missa, está a se arrumar diante de um espelho que foi presente de sua avó. Assim o narrador inicia a história e lembra a visita da menina à casa da avó: “Era um dia desses que parece que Deus solta os anjinhos pra passear por sobre os montes, campos e vales sem deveres de proteção” (MEDEIROS, 1994, p. 68). Foi nessa visita, nesse dia mágico, “momento divino e celestial”, em que perdeu completamente o medo de qualquer coisa. Foi o dia revelador de sua presença no mundo.

Ocorre que o narrador tem um “flashback” e então irá relatar o que aconteceu na casa da avó para que a menina perdesse o medo “de casa velha, de igreja velha com gente enterrada (que imaginava gemendo e implorando “me tirem daqui!”)” (MEDEIROS, 1994, p. 65). Foi naquela visita em que ela se deparou e enfrentou os “quartos escuros, cheios de móveis escuros, oratórios [...]. E saiu de lá cheia de tralhas, bugigangas, não sem antes sentar e balançar nas cadeiras que rangiam e encarar de frente, olho no olho, todos os retratos tristes das paredes” (MEDEIROS, 1994, p. 64; 69), foi que confrontou com tudo o

que lhe causava medo.

A protagonista, ao olhar sua imagem, vê-se como um ser único, incomparável, e seu reflexo não demonstra que ela é vulnerável ou possua alguma espécie de fraqueza física ou psicológica, o que ela vê é o “eu-ideal” (BONNICI, 2007, p.79). Ela não vê apenas uma garota que está próxima da puberdade, pois já se imaginava crescida e passando batom e arrumando o brinco, e “até a menstruação já esperava com ansiedade”. Ela via algo mais: ela estava diante de alguém com características individuais, indivisíveis; em outras palavras, ela estava sendo “si mesmo” e isso não significava “nada além de gozar da satisfação de ser ‘Si e não o Outro’” (LANDOWSKI, 2012, p. 26). O espelho é para a menina o reflexo de sua interioridade, bem como o da sua personalidade. Revela-lhe toda a plenitude de cuja é portadora.

A menina (o narrador não nomeia a personagem) está na busca de “si mesmo”, ela é a metáfora do ser humano que está em constante conflito interno, e conseqüentemente, gera transformação, na intenção de obter a autoafirmação, a autorrealização:

Do espelho gostava, o único gostar dentro daquele domingo. Espelho assim comprido, dando pra ela se ver inteira e (mais importante) um espelho só dela, comprido que nem ela, refletindo ela descabelada quando levantava da cama. [...] A espinha no rosto, a primeira, os primeiros pêlos, o espelho revelou. E refletiu medos vários, angústias abafadas, coisa que não se esconde de espelhos (MEDEIROS, 1994, p. 63).

Segundo Schmidt (2017, p. 180), ao mencionar Jacques Lacan: “O estágio do espelho configura o momento crucial da formação de uma “origem” do sujeito, através de uma imagem fantasiosa de identificações que vão lançar a criança na história.” De acordo com o pensamento lacaniano, o espelho anuncia as características exteriores do corpo e, ao passar por diversas situações problemáticas, a criança se encontra diante de si mesma ao ter sua imagem refletida no espelho. Ao deparar-se com a imagem de si mesma, há uma reação como se fosse um outro e a personagem não se reconhece. Em seguida, se confunde com a própria imagem, para, então, se reconhecer, descobrir-se com novos valores, novos pensamentos; enfim, o espelho sinaliza uma nova vida para a personagem.

O espelho, então, é a figura alegórica da transição da fase infantil para o princípio do amadurecimento, é um novo universo que se apresenta para o indivíduo. É a descoberta do ser completo, para lembrarmos as imagens de Jacobina, as duas almas (exterior/interior) do ser humano se apresentam diante do espelho². A personagem de Maria Lúcia Medeiros vive num estágio de autoidentificação, a captura do reconhecimento de seu corpo e, como resultado, há a descoberta de si mesmo:

Essa identificação primária da criança com sua imagem é como que o tronco de todas as outras identificações. É uma identificação “dual”, quer dizer, reduzida a dois termos (o corpo da criança e sua imagem), é imediata, “narcísica”, dizia Freud. Lacan a qualifica de *imaginária*, mantendo-se o mais

² Personagem de “O espelho”, de: ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

próximo da etimologia do termo: imaginária porque a criança se identifica a um duplo de si mesma, a uma imagem que não é ela própria, mas que lhe permite reconhecer-se (FAGES, 1971, p. 26).

O reconhecimento de si mesmo é o princípio de uma nova fase, de novos desafios, de enfrentar seus medos e angústias; além disso, a personagem entra em contato com o Outro, e esse contato lhe concede a oportunidade de evidenciar também sua alteridade. É na sua diferença que a menina protagonista se coloca no lugar do Outro e se constitui em si mesma.

A pequena heroína gostava de ler poesia lírica amorosa e também gostava de sonhar e fantasiar. “Poesia pra ela tinha asa, fazia barulhinho nos ouvidos, arrepiava a pele de prazer, esquentava o sangue, latejava a veia do pescoço, mexia, remexia” (MEDEIROS, 1994, p. 66). Essa característica também a diferencia do Outro, posto que não era de qualquer poesia que ela gostava, pois havia um tipo de leitura que a amedrontava, uma vez que tinha medo apenas de “morte, morto, cadáver” (MEDEIROS, 1994, p. 67) e de mais nada, nem mesmo das pessoas.

Em outra passagem a protagonista diz: “Deus do céu!! Quem era esse homem que poetava coisas, de caveira de morte, de sepulcro, sepultura... Deus meu! Augusto dos Anjos, ele se dizia? Dos Anjos um homem desse?” (MEDEIROS, 1994, p. 66). A citação de Augusto dos Anjos reforça o seu medo da morte, pois não gostava de ler (nem de falar) sobre a morte. O seu medo, era o medo que todo ser humano tem: o medo daquilo que não conhece, do misterioso, do oculto, de coisas para as quais nenhuma mente consegue explicar; mesmo assim “O Outro” (alegorizado tanto pelas demais personagens, assim como pelos objetos e ambientes) não a intimidava, ela se fortalecia a cada novo empecilho.

Eric Landowski (2012, p. 25) afirma que

um sujeito não pode, no fundo, apreender-se a si mesmo enquanto “Eu”, ou “Nós”, a não ser negativamente, por oposição a um “outro”, que ele tem que construir como figura antitética a fim de poder colocar-se a si mesmo como seu contrário: “O que eu sou é o que você não é”. E, claro, nesse caso o sujeito diz Eu, ou que diz Nós, é um sujeito que “sabe” ou que, pelo menos, *crê saber* o que vem a ser o Outro.

A menina sabe quem ela é, e também sabe quem é o Outro. Pode, inclusive, lutar contra esse Outro, e “poderia até viver sozinha e proteger aquela cidadezinha que nem Mary Marvel”³ (MEDEIROS, 1994, p. 67), mesmo que fosse somente em seus sonhos, em suas fantasias, já que medo ela não sentia, pois “o medo bloquearia toda curiosidade. O complexo medo-curiosidade seria desmembrado” (BACHELARD, 2008, p. 122). Ao perder o medo ela pode entrar, então, numa trajetória de descobrimentos, sob a ótica de que pode criar e viver sua própria realidade, sua própria vida, independente do Outro.

O tempo no conto é o da memória, onde passado e presente se fundem e se

3 Mary Marvel é uma das primeiras equivalentes femininas de super-heróis. Disponível em: https://liga-da-justica-fanfiction.fandom.com/pt-br/wiki/Mary_Marvel, acessado em 30 jan. 2021.

confundem trazendo à tona lembranças que se petrificam no presente, um passado que deve sempre ser lembrado com a intenção de celebrar a vida. Maria Lúcia Medeiros procura a todo custo manter esse passado vivo. Lembranças da infância, da avó, coisas que nos remetem a uma vida bela e tranquila, um saudosismo que alimenta a vida. Essas lembranças eram também feitas por meio de objetos existentes na casa da avó, como nas gavetas de uma cômoda. Segundo Gaston Bachelard (2008, p. 90) “é o móvel com gavetas que é uma inteligência”; e a menina tem nas gavetas, guardadas as lembranças, lembranças de uma criança. A cômoda é “um móvel provido de gavetas, concretiza o espírito da administração tola”. São nessas gavetas com suas lembranças que a menina perde o medo:

E antes que a avó fosse mostrando o quintal ela foi inventando: “será que eu encontro naquelas gavetas daquelas cômodas uma gravata de antigamente, umas luvas de antes, um chapéu de...”.

E foi abrindo e revirando fantasmas, poeira espalhando, naftalinas rolando, retratos e caixinhas e bolsinhas de prata rendada e bolsonas que eram reviradas tão rapidamente quanto a conversa da menina... (MEDEIROS, 1994, p. 69).

Maria Lúcia Medeiros, numa escrita (talvez) autobiográfica, procura, através da menina, buscar as lembranças que tanto a fizeram feliz, procura algo que seja merecedor de lembrar, algo que a identifique, e isso pode ser feito inclusive nos objetos ao seu redor. Na diversão da protagonista de *Espelho meu* destaca-se a sua alteridade, seus conhecimentos e sua energia em contraposição ao adulto, bem como ao gênero masculino. Aliás, tudo o que estava fora dela, o mundo exterior, fazia parte de um único rótulo: “Achava homens, mulheres, animais, cães e cadelas, bois e vacas, galos e galinhas... uma coisa só” (MEDEIROS, 1994, p. 65). Dialecticamente, tudo fazia parte apenas de duas realidades: a realidade da protagonista e a realidade das outras coisas.

Seu mundo de fantasia e cor renovam sempre o velho, pois é na lembrança do passado que o presente se torna novo. Sua identidade, assim como sua alteridade, é marcada pelos sentimentos e vigor, naturais de uma criança, sempre numa relação antitética com os outros, pois “no fundo, no fundo achava que a avó entendia seu jeito comprido de mover-se naquela cidade, naquela idade. [...] Achava que o olhar da avó compreendia o seu, que existia uma certa cumplicidade...” (MEDEIROS, 1994, p. 64). A avó era a única personagem que compreendia as mudanças pelas quais a protagonista estava passando. Na avó ela enxergava, além de uma cúmplice, também um reflexo do seu “eu” futuro, aquela em quem se tornaria. Era o exemplo que a menina gostaria de seguir. Como as escritoras que seguiram os passos das anteriores e decidiram que era o momento de continuar a luta pela divulgação de seus trabalhos.

Eric Landowski (2012, p. 27), nos diz que só pode haver um “Eu” em antagonia com um “Outro”: o sujeito, então, começa a busca de sua identidade, quer-se um sentido para

a existência, e nessa busca não precisa ter, necessariamente, a negação do Outro, porque com essa negação haverá o rompimento com a “crise de alteridade”. Mas, havendo essa ruptura inicia-se realmente uma “autêntica *busca de identidade*: “Eu sou o que você não é, sem dúvida, mas não sou somente isso; sou também *algo mais*, que me é próprio...”. A personagem-protagonista de *Espelho meu* é apresentada pelo narrador como esse sujeito que está na busca de si mesmo e sempre se reconhecendo diante do outro.

No trecho: “Ninguém adivinhou. Só a menina adivinhou porque inventou e porque era uma menina comprida e inventadeira, que lá no início da história estava se olhando no espelho comprido, quase atrasada para a missa. Lembram?” (MEDEIROS, 1994, p. 70), o narrador faz questão de clarificar que a menina não é um “Outro” – e nem pretende ser – ela é “Si mesmo” do início ao fim da narrativa; não há transformação de personalidade. É o mesmo ser em processo de crescimento, de amadurecimento. É a individualidade feminina e autônoma, que em meio aos grupos sociais e políticos, está em destaque quebrando os paradigmas sociais e construindo uma nova base para si mesmo.

A espacialização, de acordo com Eric Landowski, é um “processo de *presentificação*” que

envolve o próprio regime de identidade dos sujeitos que, através dela, se se pode assim dizer, vêm ao mundo. [...] somos todos, desse ponto de vista, heróis de romances que vagamos por mundos em construção, obrigados que estamos, para advir à existência *no interior de nosso próprio texto*, a fazer de nós também construtores de cenários, planejadores urbanos, geômetras, agrimensores, sinalizadores do espaço – e do tempo” (LANDOWSKI, 2012, p. 70, grifo do autor).

Dessa forma, a menina vive num espaço que a todo momento ela o cria e recria. Tudo faz sentido, tudo tem um significado especial. O espaço criado por Maria Lúcia Medeiros é algo que mostra a protagonista numa constante mudança e (re)construção, o que representa uma busca identitária. O devir (a identidade e alteridade) da menina relaciona-se inclusive com objetos que ela busca na casa da avó com a finalidade de se localizar no mundo. E é exatamente nesse espaço e nesses objetos na casa da avó que ela descobre a “Si Mesmo”.

Gaston Bachelard (2008, p. 87 – 90) insiste na ideia de que um móvel com gavetas constitui uma imagem que revela totalmente a imaginação. E a imagem é um acontecimento fenomenológico exclusivamente do ser falante. “... As imagens de intimidade que são solidárias com as gavetas e os cofres, solidárias com todos os esconderijos em que o homem, grande sonhador de fechaduras, encerra ou dissimula seus segredos.” O móvel é ao mesmo tempo “uma memória e uma inteligência”, lá encontra-se rapidamente o que levou várias e várias vezes para ser colocado, as gavetas muitas vezes possuem algo de mágico, é o *espaço de intimidade* e “não se abre para qualquer um”. Destarte, em *Espelho meu*, vemos a pequena protagonista se encontrando, pois são nas gavetas da cômoda que ela relembra fatos e pessoas por meio dos objetos que vai retirando. É como se sua

intimidade estivesse ali solidária com aquelas gavetas, é lá que a menina enfrenta seus problemas, seus medos e tenta encontrar sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas palavras de Thomas Bonnici (2007, p. 71), e aqui tomo a liberdade de parafraseá-lo, adaptando-o para a obra de Maria Lúcia Medeiros: “A protagonista do conto *Espelho meu* escapa do mundo racional e patriarcal [...] e mergulha num lago de águas cristalinas onde suas experiências podem ser percebidas como tipicamente instintivas (semióticas)”. Assim, a escritora paraense revela a alma humana, daquela que está na busca de “Si mesmo” e do “Outro”; para tanto, ela sai da racionalidade e penetra num universo de significações abstratas, nascendo para uma vida nova, para a sua vida.

Essas significações não dependem do ponto de vista individual do leitor nem conduzem para uma posição errônea, mas leva para um caminho de multiplicidade de sentidos conduzindo para abertura de várias interpretações, a obra é repleta de símbolos, posto que “o símbolo não é a imagem, é a própria pluralidade dos sentidos” (BARTHES, 2013, p. 212 – 213). Diante do conceito de símbolo, fomentado por Barthes⁴, o conto de Maria Lúcia Medeiros se torna uma obra aberta, uma vez que não há um enredo exaurido; os símbolos estão presentes em todos os momentos da narrativa: nos móveis, nos espaços geográficos e temporais, nas personagens vivas ou não, no tempo cronológico e/ou psicológico. Enfim, tudo em *Espelho meu* é repleto de símbolos e, portanto, a linguagem do conto é geradora de sentidos.

A Literatura Brasileira contemporânea tem uma escritora de grande porte, representante da literatura paraense. Maria Lúcia Medeiros apresenta uma obra que está no entremeio da prosa e da poesia, pois sua linguagem está envolta de lirismo. Então, procurei destacar a importância da literatura e cultura paraenses, bem como realçar e fortalecer o papel de autoria feminina no meio literário e artístico.

Deve-se assinalar, ainda, que Maria Lúcia Medeiros, na quase totalidade de seus contos, coloca a figura feminina sempre para exercer o protagonismo. A mulher é presença marcante, é figura central. Para exemplificar temos a protagonista do conto fantástico⁵ *Quarto de hora* (1994) em que uma menina também se vê em momentos de descobertas de si mesmo, diante de um mundo solitário e desafiador.

Mais um exemplo: a protagonista do conto surrealista⁶ *A festa* (1997), uma jovem que sempre exerce a função de dominadora, no sentido de ela ser superior ao homem e

4 O conceito de símbolo segundo Barthes (2013, p. 213): “Há símbolo quando a linguagem produz signos de grau composto, onde o sentido, não contente de designar alguma coisa, designa um outro sentido que não poderia ser atingido a não ser em sua mira e através dela”.

5 Seguindo a definição de fantástico de: TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

6 O conto é classificado de surreal, de acordo com: BRETON, André. **Manifestos do surrealismo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

“ditar” os comportamentos a serem exercidos por ela e por ele, e não se deixa levar pelas investidas do homem. Lembramos, ainda, que a escritora teve um de seus contos, *Chuvvas e trovoadas*, também presente no mesmo livro que aqui estudamos, transportado para o vídeo⁷.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Autobiografias de Simone de Beauvoir: sujeito, identidade, alteridade**. 2012. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FAGES, Jean-Baptiste. **Para compreender Lacan**. Trad. M. D. Magno e Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1971.

HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Zeus: ou, a menina e os óculos**. 2ª. ed. Belém: Maria Lúcia Medeiros, 1994.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

⁷ Link do vídeo: <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/09/saudades-de-maria-lucia-medeiros.html>. Acesso em 09 fev. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 9, 11, 65, 73, 80, 81, 82, 84

Análise musical 9, 11, 45, 46, 51, 58

Arte 9, 11, 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 100, 104, 105, 125

Arte Brasileira 1

Arte Contemporânea 44, 65

B

Brasilianas IV e V 9, 11, 45, 46, 58

C

Conceito de arte 10, 11

Conto de mistério 156, 157, 159, 160, 166, 167

D

Deslocamento 11, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 61

Dificuldades 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 160, 198, 202

Discurso 24, 25, 26, 62, 63, 77, 78, 87, 103, 106, 122, 123, 128, 134, 136, 142, 143, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 181, 182, 183, 206

E

Ensino-aprendizagem 11, 85, 137, 143, 186

Ensino tradicional 184, 185, 190, 196, 197, 208

Estágio Supervisionado 170, 172, 179, 180, 182

Estética da existência 59, 60, 61, 62, 70

F

Formação de leitores 156

Foucault 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 175, 182

Fundadores 63, 107, 119

G

Gramática Descritiva 85, 90, 91, 92, 97

Gramática Internalizada 85, 94

Gramática Normativa 9, 85, 86, 96

Gramaticografia 98, 105

Grécia Antiga 11, 29, 35, 36, 39, 41, 42, 43

H

Historiografia Linguística 11, 98, 105, 106

Humanização 12, 145, 146, 152, 153, 154, 168

I

Identidade 9, 11, 5, 67, 73, 75, 81, 82, 83, 84, 153, 154, 160

Interpretação Musical 45

L

Leitura 10, 12, 35, 38, 43, 53, 80, 91, 108, 109, 122, 125, 127, 128, 129, 131, 137, 144, 145, 146, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 197

Leitura Literária 12, 156, 167

Letramento 12, 99, 132, 133, 135, 144, 169, 175, 176, 184, 185, 186, 187, 189, 195, 197, 199, 202, 204, 205, 206, 208, 209, 210

Letramento Acadêmico 132, 133, 135

Língua Portuguesa 11, 85, 94, 96, 98, 99, 103, 104, 105, 136, 138, 156, 161, 167, 168, 170, 172, 179, 180, 181, 209

Línguas Clássicas 98

Literatura 9, 15, 28, 30, 60, 63, 64, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 93, 107, 124, 125, 139, 145, 146, 152, 153, 154, 155, 156, 168, 169, 170, 179, 180, 209, 210

Literatura feminina 73, 77

Lygia Clark 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9

M

Matemática 10, 12, 1, 4, 125, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209

Mobilidade Artística 29, 32

P

Parresía Cínica 9, 11, 59, 60, 61, 66, 69, 70

Pensamento Platônico 10, 11

Possibilidades 4, 5, 61, 63, 66, 87, 132, 133, 139, 157, 158, 159, 168, 171, 174

Prática de ensino 94, 132, 140, 170, 172, 181

Produção textual 9, 12, 127, 128, 132, 133, 134, 135, 138, 140, 141, 143, 144, 156, 160,

161, 166, 167, 180, 181

R

Residência Artística 29, 32, 33, 35, 41, 44

S

Semiótica 9, 78, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184, 192, 193, 194, 195, 210

Sociossemiótica 12, 84, 184, 186, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 208

T

Teorias 9, 12, 93, 95, 107, 121, 123, 128, 136, 190, 194, 197, 205, 208, 210

V

Violência 12, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br